

**LITERACIA E PRODUÇÃO DE TEXTOS EM CONTEXTO ACADÊMICO:  
APONTAMENTOS SOBRE DIALOGICIDADE E AUTORIA**

**LITERACY AND TEXT PRODUCTION IN ACADEMIC CONTEXT: NOTES ON  
DIALOGICITY AND AUTHORSHIP**

**Eduardo da Silva MOLL<sup>1</sup>**

**Kelli Machado da ROSA<sup>2</sup>**

**RESUMO:** A esfera acadêmica, seus tipos de enunciados e o fazer científico nem sempre incentivam uma tomada de posição autoral por parte dos educandos, embora tal propósito seja agenda de todo Ensino Superior. Tendo como base a epistemologia bakhtiniana, o presente artigo revisiona e investiga a categoria de “autoria” no contexto acadêmico, problematizando, a partir da ideia de literacia e multiletramento, a forma com a qual os textos são explorados em aula. Em consonância com a filosofia dialógica da linguagem de Bakhtin e Círculo, argumentamos que a vivência de textos deve aliar-se a um projeto de devir autoral, sem o qual o fazer científico não se desenvolve. Delineamos, com isso, um deslocamento pedagógico da teoria bakhtiniana para o contexto de ensino superior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autoria, Ensino Superior, Texto, Dialogismo.

**ABSTRACT:** The academic sphere, its enunciation types and the scientific production not always propel students’ assuming of an authorial position, even though such enterprise is part of the agenda of Higher Education. Informed by the bakhtinian epistemology, the present paper reviews, as well as investigates, the category of “authorship” in the academic context, problematizing, vis-à-vis the concept of (multi)literacy, the way through which texts are explored in classrooms. Aligned with Bakhtin and Circle’s dialogical philosophy of language, we argue that experiencing texts should come along an ongoing and never-ending project of authorship, without which the scientific production is not possible. We outline, thus, a pedagogical projection of the bakhtinian theory to the context of Higher Education.

**KEYWORDS:** Authorship, Higher Education, Text, Dialogism.

### **O texto em Nível Superior - pontos iniciais**

Pensar a literacia e a produção de textos no Nível Superior levando em conta sujeitos autores implica lidar com um fato humano, dialógico, por excelência. Tomando literacia num aspecto mais amplo enquanto conjunto de práticas situadas que convergem para a participação social e histórica (BARCA, 2006), inserimos nessa cena o aspecto ideológico e dialógico das

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras Português/inglês pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestrando em Letras - Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS - CNPq).

<sup>2</sup> Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora em Letras, na área de concentração em linguística, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS- CNPq).

práticas languageiras humanas, as quais constituem um ganho qualitativo do acesso ao mundo dialógico e sógnico: “[...] não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social) [...]” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2014, p. 35). Disso compreendemos que a produção de textos no Ensino Superior, foco deste artigo, não se alija de uma discussão sócio-histórica do ser escrevente e da necessidade de tomada de voz por esse ser, de forma autoral, ativa e responsiva, visto que reside nisso a marca humana.

Em nossos pontos iniciais, erigem-se conceitos como “consciência” e “sociedade”, os quais se imbricam no *ato* do sujeito dialógico. Dito de outra forma, a movimentação autoral, responsável e responsiva do indivíduo no mundo da linguagem não ocorre, acreditamos nós, fora do universo acentual e intersubjetivo da interação verbal – a qual define a substância mesma da palavra, da língua, da potência comunicativa (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2014). Segundo Bakhtin/Volochínov ([1929] 2014, p. 126), o “diálogo em sentido amplo” metaforiza as trocas intersubjetivas humanas dos mais diversos tipos, mantendo em sua essência o caráter responsivo e ativo das negociações verbais. Essa verbalização, por sua vez, é índice de um duplo processo: primeiro, ela nasce do mar axiológico advindo do social, fazendo reverberar nos enunciados vozes outras, avaliações outras de cunho ideológico: “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2014, p. 42).

Segundo, a palavra enunciada é a palavra da consciência, visto que essa, de acordo com Bakhtin/Volochínov ([1929] 2014, p. 122), constitui um “fato objetivo” que não pode ser pensada fora das formas materiais de sua exteriorização; caso isso ocorra, estaremos diante de uma “ficção”, de uma abstração teórica. Sendo o contexto de graduação um espaço privilegiado para a formação profissional e ética de ambos docentes e discentes, os fatos objetivos mobilizados em textos, orais e escritos, durante as aulas de Produção Textual, retornam ao problema da consciência e ao seu cunho socioideológico. Os textos que vivenciamos enquanto professores pesquisadores interferem no processo dialógico do ato-aula, o qual tem natureza bidirecional, visto que esse processo “[...] deve encontrar um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, *no seu sentido e no seu existir* [...]” (BAKHTIN, 2017a, p. 43, grifos nossos). Em outras palavras, os textos vividos, experienciados, adquirem um peso ético e responsável tanto no que tange os seus conteúdos socioideológicos, tanto no que pese a interferência dialógica e formativa nos seres que estão em constante devir dialógico no ato interativo da aula.

O presente artigo busca criar inteligibilidades, na forma de apontamentos teóricos embasados na filosofia dialógica da linguagem, acerca da complexidade processual de construção da autoria na esfera acadêmica. Nossa base empírica e reflexiva encontra fonte fecunda nas experiências docentes vivenciadas no decorrer da regência do curso de Produção Textual para a graduação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em especial no ano de 2019, o qual contou com a atuação de ambos os pesquisadores deste artigo. Mobilizaremos, principalmente, os conceitos de *ato*, informado por *Para uma filosofia do Ato Responsável* (BAKHTIN, 2017a), *texto* e *autoria*, informados por *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* (BAKHTIN, 2016b), visando traçar apontamentos sobre a literacia escrita acadêmica enquanto prática de produção dialógica de enunciados.

No escopo desse trabalho, tomamos “letramento”, “multiletramento” e “literacia” como conceitos que têm em sua raiz traços semelhantes. Para além da proposta de “leituras do mundo” de Barca (2006), inspiramo-nos em Bagno (2002), com suas visadas sobre letramento, educação linguística e projeto, e Sousa (2019), que empreende uma aproximação entre os conceitos de letramento e multiletramento como formas de interpretar as múltiplas semioses da cultura. Literacia, nesse sentido, é tomado aqui como um devir que precisa ocorrer enquanto balizador das práticas languageiras bem-sucedidas de uma determinada esfera de atividade humana. Propomos aqui a problematização desse processo em termos de condições de autoria, justamente para cumprir o programa dialógico a que se filiam os estudiosos de Bakhtin.

### **Literacia, Dialogicidade e Autoria – apontamentos**

A literacia, em diferentes campos do conhecimento, pode apresentar suas especificidades, a depender do manejo específico que cada pesquisador deve ter com o fazer científico a que se propõe, com as bases epistemológicas que os informam etc. e com as possibilidades de transposição didática/científica/prática de tais saberes para demais esferas de prática. Barca (2006) reflete sobre a literacia histórica enquanto qualidade específica da prática de leitura e produção de textos na área da História, porém, ao fazer sua reflexão, expande esse construto para a indexação do sujeito em práticas situadas de ser/viver no mundo e na ciência. Segundo a pesquisadora,

A orientação temporal de cada um de nós exige identificações múltiplas, a várias escalas (do temporal ao global): competências avançadas para saber “ler” o mundo que nos rodeia e também perspectivar de alguma forma o futuro, à luz de experiências humanas do passado (BARCA, 2006, p. 95).

Semelhante proposição é compartilhada por Rojo (2012) ao tratar de multiletramentos. Conceito inalienável das múltiplas culturas pelas quais os sujeitos transitam, assim como das

Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas, Serra Talhada, n. 7, vol. 2: 99-113, Jul/Dez. 2020

tecnologias com as quais esses têm contato, é preciso falar em uma multiplicidade de práticas sociais de leitura e de produção textual. Multiletramento tem que ver, portanto, com “a multiplicidade cultural das populações e multiplicidade semiótica de constituição de textos” (ROJO, 2012, p. 3) por meio dos quais o sujeito “lê” o mundo. As duas autoras citadas nos trazem, assim, desdobramentos da literacia para além da esfera acadêmica, que é nosso ponto focal de discussão. Dito de maneira mínima, é-se com os textos e pelos textos, para a vida.

Acreditamos aqui, em consonância com as autoras, que a literacia abranja essa dimensão formativa e agentiva do homem enquanto sujeito da cultura, entrando em processo de compreensão ativa com os sentidos presentes, passados e futuros (BAKHTIN, 2016a). Inclusive, percebemos a lida com os mais variados textos no decorrer do processo formativo humano como a possibilidade de experienciar, empiricamente, o resultado das muitas consciências em tensão dialógica. Isso porque a palavra é “[...] *material semiótico da vida interior, da consciência* (discurso interior)” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2014, p. 37, grifos dos autores), como que uma extensão corpórea das vozes que guiam e respaldam o ato humano. Portanto, acreditamos que esse sujeito se movimenta num mar de valores, acentos e movimentos dialógicos e tensos, o qual alimenta a formação responsiva de sua consciência socioideológica (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2014 p. 35).

Em nosso contexto de análise, acreditamos que o processo de formação da consciência socioideológica, segundo Bakhtin, seja de extrema importância para docentes que queiram assumir uma postura dialógica para o ensino, em Nível Superior. Primeiramente, esse processo indica o que *não* pode faltar na aula: o discurso. De acordo com Bakhtin, discurso pode ser definido como “língua *in actu*” (BAKHTIN, 2016c, p. 117), ou seja, refere-se à materialização ideológica daquilo que a língua carrega em caráter de latência, de potencialidade, apenas realizado no ato enunciativo: os enunciados. Nesse sentido, não pode ficar de fora a perspectiva do enunciado como “*unidade real da comunicação discursiva*”, a partir do qual os sentidos ideológicos e a vida se embrenham (BAKHTIN, 2016a, p. 16). Não poder faltar o discurso, portanto, indica-nos que um componente essencial das aulas são os sujeitos nela implicados – o que, por sua vez, coaduna-se com a visão expandida de *texto* pelo Círculo de Bakhtin.

Que o texto seja centro das aulas de língua, independentemente do contexto em que essa ocorra, não é novidade na área de Linguística e/ou Linguística Aplicada. Todavia, acreditamos que ainda exista um elemento residual de um certo formalismo que se realiza na forma do objeto texto, em detrimento da noção de texto como evento. Em outras palavras, a mera presença do texto em sala de aula, sem uma visão ontológica do estatuto concreto e ideológico do que está sendo vivenciado no evento textual, não satisfaz a perspectiva dialógica. Pelo contrário, o

Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas, Serra Talhada, n. 7, vol. 2: 99-113, Jul/Dez. 2020

embuste da forma muitas vezes posta-se como uma pedra no caminho da interação real, dialógica, a qual, por sua vez, compreende a leitura e produção de textos – ou melhor, a vivência de textos. Em nossa experiência, o encaixotamento de gêneros acadêmicos em características formais e estilísticas (tomadas em seu sentido raso) parece cumprir a função de um certo Português Instrumental, e não da recorrente disciplina Produção Textual. Informar os alunos sobre o procedimento metodológico de feitura de uma resenha acadêmica, por exemplo, não satisfaz a vivência desse gênero do discurso – embora se leiam e se produzam muitas resenhas com os alunos.

Que estatuto de texto, portanto, precisa um profissional dialógico adotar para abarcar a dimensão discursiva da vivência socioideológica da palavra (escrita, falada, desenhada etc.)? Em *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, Bakhtin (2016b) desenvolve uma noção de texto que extrapola a forma linguística e abarca o ato, o peso da enunciação, da palavra verbalizada na existência. Segundo o autor, “A atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não ação física) unicamente no contexto dialógico da própria época (como réplica, como posição semântica, como sistema de motivos)” (BAKHTIN, 2016b, p. 78). Lemos isso sob a seguinte lente: o processo de formação humana é ideológico e dialógico porque se quer comunicativo, cooperativo, necessitado da palavra outra para cumprir seu devir na consciência. Portanto, os conceitos de “texto”, “enunciado”, “ato” e “ideologia” se fundem na tomada de acento que caracterizam os textos empíricos, concretos, os quais preenchem tanto o cotidiano, quanto o passado histórico e cultural de uma dada comunidade e dos próprios seres humanos.

Estamos, agora, no mundo dos sentidos, e não apenas na esfera do significado linguístico da palavra ou da organização formal do gênero. E esse sentido, na perspectiva do ato, precisa ser tomado enquanto parte do mundo sócio-histórico no qual irrompe. Como um *Barão de Münchhausen* que tenta se levantar puxando-se pelos cabelos, tentamos trabalhar com textos alijando-nos do universo dos sentidos, do debate, da procura e das não-soluções, visto que essa seria uma saída menos dificultosa para um componente curricular que é, geralmente, de curta duração (1 semestre). Todavia, a esquematização de gêneros e o sequente pedido de produção não servem de muita coisa caso não se leve em consideração o *evento de construção do conhecimento* que erige do ato de redigir/enunciar. Segundo Bakhtin, isso está no cerne do ato:

Uma vez separado o aspecto do conteúdo-sentido do conhecimento do ato histórico de sua realização podemos sair em direção ao dever somente por meio de um salto; procurar a ação-ato cognitivo real no conteúdo do sentido

separado dele é como tentar levantar-se puxando-se pelos cabelos (BAKHTIN, 2017a, p. 49).

Os sentidos produzidos, manifestos em enunciados, são sempre elos no todo comunicativo de uma dada cultura (BAKHTIN, 2016a). Nesse cenário, o pensamento no evento de um texto é sempre um encontro de pensamentos, visto que sua essência “[...] sempre se desenvolve *na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos*” (BAKHTIN, 2016b, p. 76, grifos do autor). Pensando que não há ato sem autor, precisamos necessariamente remodelar a noção de autoria como “pessoa/voz a quem o texto pertence”, noção essa muito alimentada pelo sistema acadêmico do Nível Superior como um todo, haja vista a necessidade de publicações, participações em evento etc. A quem poderia pertencer o conhecimento que irrompe na História, senão ao eterno devir responsável e responsivo que esse ato caracteriza e encarna? Devemos nos aprofundar, portanto, na noção de autoria para o Círculo.

Antes de nos aprofundarmos no conceito de autoria, devemos nos remeter ao estatuto socioideológico da consciência, como proposto pelo Círculo, visando demonstrar como o construto de *linguagem* e de *literacia* embrenham-se no fazer autoral dos sujeitos. A linguagem, numa perspectiva bakhtiniana, não pode ser pensada fora da ideologia: “Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo o que é ideológico possui um valor semiótico*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2014, p. 33). Uma vez que se compreende a exteriorização do ideológico como sócio e material (concreto), passamos a ter um estatuto ontológico do sujeito que leva, no seio de sua subjetivação, a marca da alteridade, visto que a ideologia é, antes de tudo, uma “cadeia ideológica”, aquilo que na interação verbal enforma a consciência (idem, p. 34). Portanto, pensar a leitura do mundo na perspectiva de Barca (2006) é não poder alijar-se da interação responsável pela materialização ideológica desses textos-enunciados, tampouco do caráter de outridade, de fundante alteridade desses mesmos textos e dos sujeitos autores que os produziram.

Não falamos, portanto, de texto ou de autoria apenas numa perspectiva da imanência linguística, focada somente no produto textual/autoral e em seu acabamento. Os estudos do Círculo de Bakhtin, pelo contrário, oferecem uma visão da linguagem que leva em consideração diferentes dimensões da interação verbal, possibilitando uma construção metodológica (de pesquisa, de ensino, de análise exotópica etc.) que trabalhe tanto aspectos internos (linguístico-discursivos), quanto aspectos externos (sujeitos do dizer e contexto sócio histórico). Além disso, a proposta bakhtiniana coloca a linguagem no patamar do evento único e irrepitível, permitindo um estudo particularizado e singularizado dos dizeres em circulação.

Mais especificamente em *Marxismo e filosofia da linguagem*, há uma orientação metodológica acerca do estudo dos enunciados concretos, na qual nos baseamos para esboçar a proposta pretendida nesta reflexão. De acordo com Bakhtin/Volochinov, a análise do enunciado deveria considerar:

- 1<sup>a</sup>) a não dissociação da materialidade do signo da sua ideologia, localizando-o no campo discursivo em que o signo aparece enunciado.
- 2<sup>a</sup>) a observação do signo dentro das “formas concretas da comunicação social”.
- 3<sup>a</sup>) o não despreendimento do signo de sua base material, ou seja, da materialidade linguística-discursiva do enunciado (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2014, p. 45).

É preciso reiterar que a teoria dialógica não foi pensada, seja em sua concepção de gêneros, seja em sua concepção de enunciado e de interação verbal, para ser aplicada nas escolas. Inclusive, uma perspectiva aplicacionista pode ser a grande geradora de tamanhos ruídos de comunicação entre profissionais que se querem dialógicos e suas práticas pouco condizentes com os pilares da teoria. O que demonstramos com o trecho acima citado é a necessidade de abrangência da *totalidade* do enunciado enquanto evento comunicativo, sem dissocia-lo das condições de sua exteriorização e do mar acentual que carrega (BAKHTIN, 2016d). Esse todo arquitetônico, tem como índice de análise o aparato semiótico-linguístico que o compõe, a partir do qual o todo e a parte unem-se na responsabilidade do ato que lhe deu origem. É para esse senso de unidade do ato textual que nossas análises devem se dirigir para que se entenda o funcionamento de um dado texto numa dada esfera.

É na relação todo/parte que propomos um aprofundamento da noção de autoria. Em *Teoria do romance I – A estilística* (BAKHTIN, 2015), Bakhtin faz uma distinção entre discurso poético e prosaico, a qual nos serve de importante base para discutir a noção de autoria. No senso comum, dir-se-ia que autorar implica assumir uma voz única, fechada e original em meio às demais, imprimindo uma marca de individualidade indiscutível. Para Bakhtin, o cenário é mais complexo. Há várias possibilidades de assunção da autoria, sendo que a distinção cunhada entre voz/função/ato poético e prosaico nos elucidam no tocante às formas de exteriorização da consciência. Porque lidamos aqui com o contexto de ensino em Nível Superior, traremos as explicações sobre discurso prosaico ficcional como metáfora consoante à atuação dos indivíduos nas esferas cotidianas (podendo se destringir em superiores ou não), para argumentar ser de natureza bivocal, intersubjetiva e dialógica a assunção da autoria a que se presta a literacia como projeto dialógico.

Nesse mesmo livro, o autor advoga que a voz fechada em si, indiscutível e monológica é papel da poesia, não da prosa. Analogamente ao discurso, diríamos que a prosa assemelha-se

ao heterodiscurso cotidiano, visto nascer de um meio bivocal e dialógico incontestado, ao passo que a poesia assemelha-se a um estatuto simbólico de autoridade da voz poética, porque é mais impermeável à palavra outra e porque toma o outro em caráter objetual, não dialógico. A estrutura do romance, diferentemente da poesia, é repleta de diálogos e de personagens (pontos de vista), alimenta-se de uma bivocalidade constitutiva da linguagem:

[...] a autêntica bivocalidade não se esgota neles [nos diálogos prosaicos do romance] e permanece no discurso, na linguagem com fonte inesgotável de dialogicidade, pois a dialogicidade interior do discurso é um acompanhante indiscutível da estratificação da linguagem, consequência de seu superpovoamento por intenções heterodiscursivas (BAKHTIN, 2015, p. 120).

Numa relação com a consciência, trazemos à baila as distinções de Fiorin (2016) sobre a consciência ptolomaica e a galileana: quanto mais permeável às vozes dos outros, mais dialógica e aberta é a consciência humana – mais galileana ela é, portanto. Analogamente, diríamos que um romance apresenta uma estrutura mais galileana do que ptolomaica. A poesia, por sua vez, cria sentidos mais monológicos, porque elevados à categoria de expressão de uma voz lírica dona dos destinos do poema:

Enquanto o discurso romanesco *acolhe as diferentes falas e as distintas linguagens*, constrói-se na diversidade de vozes, na variedade de discursos, *na multiplicidade de maneiras de dizer*, o discurso poético não interage com o discurso alheio, não olha para o discurso do outro. O romance expressa uma concepção galileana da linguagem, ao passo que a poesia exprime uma concepção ptolomaica da linguagem (FIORIN, 2016, p. 85–86, grifos nossos).

Assim, a voz autoral numa perspectiva romanesca, galileana e dialógica nasce frente às demais vozes sociais, visto que a exteriorização das consciências individuais são fatos socioideológicos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2014, p. 35), acolhedores da voz do outro. Construir sentidos autorais, nesse sentido, implica assumir um *dever* na existência (BAKHTIN, 2017a) que considera as demais formas de construir sentidos sobre um dado objeto, não se alijando dos múltiplos olhares que costuram as tramas do eu e do outro. Deste ponto em diante, destacamos que o ato enquanto fato de não-álibi da linguagem não poderia implicar um *monologismo* enunciativo, mas sim uma tensa relação de concordância e discordância acentual com as demais vozes autorais a partir de centros de valores subjetivos. Reside na qualidade dessa tensa relação a marca autoral – a qual é, no peso da vivência do Ser, única e irrepetível (BAKHTIN, 2017a).

Ainda, em relação à *totalidade*, axioma importante da teoria dialógica (BAKHTIN, 2016d), a autoria deve se dar na tensão entre as partes da obra e seu todo, assim como entre as demais posições autorais. No texto *Por uma metodologia das ciências humanas*, a autoria é definida exatamente em termos dessa totalidade radical:

O autor de uma obra só está presente no conjunto da obra, não se encontra em nenhum elemento destacado desse conjunto, e menos ainda no conteúdo separado desse conjunto. O autor se encontra naquele momento inseparável em que conteúdo e forma se fundem intimamente [...] (BAKHTIN, 2017b, p. 64-65).

Uma concepção radical de *gênero* e de *autor* parece-nos propícia para nossa discussão. Acreditamos que autoria pode ser vista como o lugar onde as categorias de um gênero se fundem; um lugar em que se mesclam as prerrogativas formais, estilísticas e temáticas no ato que irrompe, cumprindo o *dever ser* do autor. Autorar, nesse sentido, é engendrar-se na obra, em todas as suas partes, e engendrar-se nas práticas discursivas envolvidas nessa obra – práticas que são, em sua essência, dialógicas e intersubjetivas. Espera-se que o autor na esfera na acadêmica movimente-se de forma responsiva e autoral no espectro de vozes científicas, mas estaríamos nós contribuindo para isso ao propagar práticas de análise e produção textual que se centram na produção linear de passos para que um determinado gênero venha a existir? Além disso, com o intento de evitar o plágio, estaríamos disseminando a assunção de uma posição-autor que ignora a necessária dialogicidade do meio científico? A autoria no contexto acadêmico é central para se pensar em edificação do conhecimento nessa esfera, considerando as especificidades de cada área. Mas a definição de uma postura autoral ainda nos intriga, especificamente na zona de tensão entre o individual e o social na produção de enunciados que venham a circular na esfera acadêmica.

Estaríamos nós como professores instigando a assunção de uma posição autoral ptolomaica, de mutismo e de aversão às vozes dos outros, com o objetivo de cumprir a agenda do aluno-pesquisador original, que mereça posição de destaque por seu ineditismo? Instigados por essas questões, tentamos levar para o espaço da disciplina de Produção Textual uma relativização e uma reconceptualização do ser autor no âmbito acadêmico. Acreditamos ser necessário recolocar-se em posição de especularidade responsiva frente aos demais autores que compõem a esfera de atuação em que nós, professores, nos inserimos e na qual os alunos, enquanto cientistas e profissionais em formação transitam, para nessa tensa zona de intersubjetividade começar a projetar sentidos novos relativamente à responsabilidade e à responsividade da existência. Para tanto, vimos no trabalho com o material textual um espaço privilegiado para esse convite à outridade da autoria.

Em *Por uma metodologia das ciências humanas* (BAKHTIN, 2017b, p. 67), há a menção à qualidade intertextual e dialógica do acontecimento na vida do texto. O texto e o indivíduo se movimentam naturalmente na esfera intersubjetiva, pluriacentual e alteritária das vozes discursivas, sendo esse entorno contextual igualmente materializado na superfície

textual. Autorar é um evento organicamente dialógico, que só ganha seu sentido na comunhão tensa com as demais vozes autoras. Lê-se:

Um texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, fazendo dado texto comungar no diálogo. Salientemos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de ‘oposição’, só possível no âmbito de um texto (mas não do texto e dos contextos) entre os elementos abstratos (os signos no interior do texto) e necessário apenas na primeira etapa da interpretação (da interpretação do significado e não do sentido) (BAKHTIN, 2017b, p. 67).

Estendemos o conceito de texto e de ato acima citados para a proposição de que a posição autoral é um texto em potencial; trata-se de uma *vontade de autorar*, eticamente resoluto, como um devir, no interior de uma dada esfera de atuação. Empreender um ato ético e responsável frente à comunidade acadêmica dos educandos é um projeto semântico que abarca a outridade na forma mais radical – levando à cooperação, ao imprescindível diálogo e a práticas cada vez mais democráticas de construção de conhecimento. Nos limites do artigo, tornar-se-ia impossível definir uma metodologia para a assunção da voz autoral que defendemos, mas podemos defender o que ela não é – justamente a posição fechada, individual e ptolomaica da voz autoral única. Caminhar na ciência de maneira responsável e responsiva é tornar-se texto com o outro, e não a despeito ou em detrimento dele. A promoção de velhas práticas de autoria nas disciplinas de Produção Textual – curso que, acreditamos, possui um alto impacto no processo formativo discente – retira a potencialidade textual, dialógica e eternamente inacabada de ser autor.

Está na historicidade do dizer, segundo Barca (2006), a possibilidade de desenvolvimento da capacidade de “ler” o mundo, incluindo-se neste e neste atuando. Lemos essa proposição a partir da inescapável caminhada em direção ao ato responsivo e responsável, à posição de não-álibi da linguagem, que deve ser assumida como objeto de estudo e reflexão nas aulas. A produção dos gêneros acadêmicos como representantes da necessidade/vontade de atuação na esfera acadêmica deve levar em conta o ambiente solidário, dialógico e tenso que implica a construção do conhecimento em tal esfera. Ler-se e ler o outro, nesse sentido, compreende os gêneros acadêmicos em suas formas, estilos e estruturas composicionais, mas também abarca o *dever-ser* do sujeito pesquisador (professores e alunos) que registra nos e se vale dos gêneros como formas dialógicas de (inter)formação continuada. Ser autor, assim, é continuar sendo, e não atingir uma “excelência produtiva” num número tal de gêneros aptos a serem publicados, submetidos, apresentados etc.

Os gêneros, por sua vez, também precisam ser remetidos à sua dimensão discursiva, mais ampla e menos restritiva do que algumas perspectivas correntes têm tomado. O discurso não pode faltar na sala de aula. Em verdade, tais perspectivas “encaixotadoras” de gêneros mistificam o conceito bakhtiniano. Para que possamos adotar a perspectiva de autoria como projeto, como algo a ser instigado nos alunos, devemos perceber os gêneros como potenciais momentos da enunciação em que é possível autorar e tornar-se discursivamente consciente do mar de vozes que ressoam em nossa posição-autor. Como pensava Bakhtin (2016a, p. 28), “O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora desta forma não pode existir”.

Na esteira do que foi dito, os gêneros que escolhemos para serem trabalhados em nossas disciplinas de Produção Textual no Nível Superior devem ser pensados a partir das vivências que tais gêneros possibilitam, para além dos requisitos retóricos e composicionais tão visados, como o de resumir, citar, referenciar etc. Juntamente com os apontamentos de Bakhtin trazidos à baila, Medviédev também problematiza análises que tomam a conclusão composicional do gênero como centro do debate. Para ele, o centro da discussão deveria estar na totalidade da criação verbal envolvida no gênero que se orienta duplamente na realidade. Num primeiro momento, o gênero orienta-se para o interlocutor, chamado pelo estudioso de “ouvintes” ou receptores” e num segundo momento, o gênero está orientado para a vida, para os acontecimentos, problemas etc. Assim, os gêneros ocupam um lugar na existência dos fatos humanos. Eles se realizam na arquitetônica desses acontecimentos. Por isso, ao lado da questão da conclusão composicional, o pesquisador deverá erigir as circunstâncias espaciais, temporais e estilísticas engendradas de forma orgânica nesse discurso. Desse modo, conclui Medviédev que

o gênero é um conjunto de meios de orientação coletiva na realidade, dirigido para seu acabamento. Essa orientação é capaz de compreender novos aspectos da realidade. A compreensão da realidade desenvolve-se e origina-se no processo de comunicação social ideológica (MEDVIÉDEV, 2012, p. 195).

Acreditamos que nossos apontamentos, até agora, extrapolam os limites da competência discursiva na esfera acadêmica. Assim como Bakhtin, acreditamos que a tomada de consciência do ato seja uma medida humanizadora. Refletindo sobre a diferença entre aparatos tecnológicos e aparatos humanos, o autor nos indica que a esfera humana é necessariamente relacional e dialógica, enquanto que a lógica das tecnologias pode possuir uma lógica própria potencialmente devastadora, devido à ausência do peso ético e responsável. Assim, caso se abstraia o tecnológico do peso do Ser e da Existência, “[...] ele [o tecnológico] pode

repentinamente irromper nesta unidade singular da vida de cada um como forma irresponsável, deletéria e devastante” (BAKHTIN, 2017a, p. 50)

A linguagem, tomada como tecnologia e código, faz o mesmo quando refrata a vida e o sujeito: devasta-o por alijá-lo de suas potencialidades dialógicas. Quando pensamos em letramento e literacia como práticas de leitura do mundo (BARCA, 2006) num contexto cultural multisemiótico (SOUSA, 2019), podemos pensar na assunção da autoria como uma postura ativa e responsiva contra a instrumentalização do sujeito-autor. Tal leitura do mundo não se faz sozinho e nem sem razões. A navegação entre multisemioses não se dá a despeito de um projeto maior do sujeito, de uma constante retomada da palavra minha em frente às palavras outras.

Também é importante destacar que nós, como pesquisadores, vemos como tomada de palavra, posição e agência no Nível Superior a ressignificação do ser teórico – já tocado pela perspectivização do ato do ser localizado – no Ser. A incorporação das teorias, feita por meio do tenso diálogo intersubjetivo entre alunos, alunos e professor e as respectivas vozes sociais que margeiam as enunciações localizadas, assemelha-se ao processo de espelhamento tenso da voz outra na minha voz, por meio da reacentuação das palavras do outro como palavra minha. Na verdade, a genuína formação da palavra minha se dá quando, no centro valorativo de cada um, houver não apenas o reconhecimento da palavra do outro, mas quando o sujeito se coloca com essa em interação dialógica. É isso que engendra a assimilação, reelaboração e reacentuação das palavras do outro como palavra minha (BAKHTIN, 2016a).

### **Autoria como projeto – atando os pontos finais**

Como concluir um texto de apontamentos, cuja função primordial é levantar ideias acerca de um problema, e não necessariamente apontar soluções? Acreditamos que, para enformar algumas linhas do nosso raciocínio, precisemos retornar ao peso da responsabilidade e da ética na agência humana, tópico central na Filosofia do Ato. Assim como Bakhtin, acreditamos que a tomada de consciência do ato seja uma medida humanizadora. Refletindo sobre a diferença entre aparatos tecnológicos e aparatos humanos, o autor nos indica que a esfera humana é necessariamente relacional e dialógica, enquanto que o mundo das tecnologias pode possuir uma lógica própria potencialmente devastadora, devido à ausência do peso ético e responsável. Assim, caso se abstraia o tecnológico do peso do *ser* e da *existência*, “[...] ele [o tecnológico] pode repentinamente irromper nesta unidade singular da vida de cada um como forma irresponsável, deletéria e devastante” (BAKHTIN, 2017a, p. 50).

O que motivou a escritura deste artigo foi a percepção nossa de que a postura autoral que expusemos não é a predominante na esfera acadêmica, em especial a partir dos dizeres dos Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas, Serra Talhada, n. 7, vol. 2: 99-113, Jul/Dez. 2020

alunos de Produção Textual. Segundo os alunos, a esfera acadêmica tomaria as tonalidades da certa produção científica dura, com resultados supostamente reproduzíveis e manipuláveis, como se existisse uma cartilha de conduta para o posicionamento do sujeito-autor em seu texto. É famosa a pergunta “*mas eu posso usar ‘eu’?*” nos primeiros dias de aula. Pensando no escopo das práticas letradas, acreditamos que não seja uma, ou restrita, as posições-autor que os educandos podem assumir em seus textos – mas que esse devir, essa abertura para as variadas formas de fazer-se ouvir nos gêneros acadêmicos, seja necessária.

Em nosso campo de profissionais das Letras, cujo eixo central é o texto, não podemos falar em método, mas em metodologia, no sentido de que urge a nós escolhermos uma episteme que esteja coerentemente conectada com nossa prática e vice-versa. Caso sejamos docentes afinados às proposições dialógicas, temos ainda que considerar o peso ético e responsivo/responsável que a vivência de textos implica para a formação profissional dos educadores e educandos, numa dupla via. Literacia, nesse sentido, torna-se um projeto, mais do que um lugar seguro e identificável a que se chega, como se tal lugar fosse facilmente mapeado segundo as direções que os gêneros acadêmicos supostamente indicariam. Texto não é chegada, mas sim caminhada.

Mais ainda, a assunção da literacia enquanto um devir não é um processo linear, mas sim dialógico, tenso e instigador de conflitos. O texto é o espaço da formação humana. Um ensino voltado à ideia de multiletramento infindo instaura um lugar de conflito ao sujeito: ele está imerso numa diversidade incessante de discursos e precisa responder ativamente nessa confluência. A autoria e suas marcas de subjetivação vão se constituindo justamente nos desvãos dessas respostas. Por isso, a ideia de autoria é sempre opaca, em ressonância às outras autorias. Trabalhar numa perspectiva dialógica da linguagem permite que o sujeito apreenda os sentidos dos discursos para além do texto verbal e compreenda o percurso da construção de sentidos dentro de uma cadeia de relações dialógicas – dentro do mar multissemiótico povoado por muitos sujeitos autores.

A assunção da literacia e da produção de texto como projeto, então, ancora-se no preceito básico do caráter responsivo do indivíduo dialógico. Responder a algo é a dimensão *sine qua non* do humano na linguagem e tal dimensão remodela a forma como percebemos o porquê de tomar a palavra. Segundo Bakhtin, a polêmica e o encontro tensionado da palavra minha com a palavra do outro inscreve-se no coração do enunciado:

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma

polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2014, p. 101).

Caso não levemos a sério o necessário estatuto de prolongamento discursivo da tomada da palavra, podemos cair na falaciosa ideia de que um texto resulta de um suposto um brilhantismo adâmico cujo dono é seu autor, algo que pode dirimir a necessidade do diálogo para a formação de textos e de sujeitos. Contribuiremos, caso assim procedamos, para a ideia de literacia e de autoria como uma ficção, e não como um fato objetivo que irrompe, na História, na forma de ato.

Nós, como professores, precisamos estimular a prática de produção de textos no Nível Superior como uma necessidade de responder, e não como uma necessidade de produzir. Isso implica recolocar os problemas humanos no cerne da Ciência – visto que só se responde ao que nos toca, ao que nos incomoda, ao que nos interessa etc. Essa postura pode ser benfazeja para o remodelamento de práticas mais dialógicas, solidárias e responsáveis nessa esfera de atuação. Poderíamos, assim, aproximar os educandos às práticas de produção/vivência textual, o que resolveria ditos que frequentemente nos acometem, como “*sinto muito medo de escrever*” ou “*para que escrever esse texto?*”. Vozes de autoridade podem ser cada vez mais contestadas e o conhecimento como um artefato inatingível passaria a ser relativizado, *respondido* por ambos alunos e professores, num projeto conjunto. Já passou da hora de recolocar a alteridade como centro do fazer linguístico.

Nesse sentido, a linguagem não é, na perspectiva dialógica, um instrumento, uma tecnologia fria pronta para ser usada. Ela, assim como a vida, não possui regras próprias independentes do outro, seguindo seu curso como um trem descarrilhado; pelo contrário, a vida embrenha-se na linguagem e no ser humano, com todo o peso da existência. Analogamente, isso se estende aos gêneros acadêmicos que são produzidos nas disciplinas de Produção Textual em Nível Superior: qual o espaço para o peso da vida na vivência de textos? Qual o espaço da vida na formação do cientista, do licenciado, do tecnólogo? Que consciência estamos incentivando, a galileana ou a ptolomaica? Essas perguntas nos guiarão mais do que qualquer resposta pronta.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: \_\_\_\_\_. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV, V. N.) **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. (1929). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I: A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016a.
- \_\_\_\_\_. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016b.
- \_\_\_\_\_. Diálogo I. A questão do discurso dialógico. In: \_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016c.
- \_\_\_\_\_. Diálogo II. In: \_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016d.
- \_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017a.
- \_\_\_\_\_. Por uma metodologia das ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017b.
- BARCA, I. Literacia e consciência histórica. **Educar em revista**. Curitiba, v. 22, n. Especial, 2006. Editora UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/5545>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- MEDVIÉDEV, Pavel N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.
- ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, R.; MOURA, E. (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012, p. 11-31.
- SOUSA, L. D. Letramento e multiletramento. **Revista e-escrita**, v. 10, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/3696>. Acesso em: 22 jun. 2020.